

## SEÇÃO LIVRE

*Ritos de passagem: a memória, a identidade e o feminino em Ana Paula Tavares*

Kizze Nathianny Campos Viegas<sup>1</sup>

Márcia Manir Miguel Feitosa<sup>2</sup>

**Resumo:** Propomos a discutir a importância da memória coletiva e sua relevância por meio de uma análise da obra *Ritos de Passagem*, da escritora angolana Ana Paula Tavares. Objetivamos entender como a literatura pode contribuir para a compreensão das mudanças sociais em tempos de crise e para a valorização de identidades diversas. Nesse contexto, a literatura e as concepções teóricas de autores como Inocência Mata (2007), Francisco Noa (2015), Pierre Bourdieu (2016) e Maurice Halbwachs (2006) desempenham papel fundamental. As obras literárias funcionam como espelhos sociais, levando-nos a questionar as estruturas opressivas e a encontrar o caminho para o entendimento de uma memória coletiva mais representativa e inclusiva. *Ritos de Passagem* oferece uma narrativa sobre a construção da memória coletiva, sua relação com a identidade individual e social e como a memória feminina é tão representativa e resistente na sociedade angolana. A narrativa transgeracional faz-se refletir sobre a conexão entre memória individual e coletiva, mostrando como as experiências passadas reverberam no presente. Concluímos que a memória, a identidade e o feminino são cruciais para o enfrentamento dos desafios e que a literatura desempenha um papel importante na compreensão das dinâmicas sociais e culturais emergentes em tempos de crise.

**Palavras-chave:** memória; identidade; *Ritos de Passagem*; feminino.

**Abstract:** We propose to discuss the importance of collective memory and its relevance through an analysis of the *Ritos de Passagem* novel by the Angolan writer Ana Paula Tavares. We aim to understand how literature can contribute to the comprehension of social changes in times of crises and for the valuation of diverse identities. In this context, literature and theoretical conceptions of authors such as Inocência Mata (2007), Francisco Noa (2015), Pierre Bourdieu (2016), and Maurice Halbwachs (2006) play a fundamental role. Since literary works function as social mirrors, it leads us to question oppressive structures and find the path for understanding a more representative and inclusive collective memory. *Ritos de Passagem* offers a narrative about the construction of collective memory, its relationship with individual and social identity, and how the feminine memory is so representative and resistant in Angola's society. The transgenerational narrative is reflected under the connection between individual and collective memory, showing how past experiences impact the present. We conclude that the memory, the identity and the feminine are crucial to face challenges and that literature plays an important role in understanding social and cultural dynamics that emerge in times of crises.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da UFMA (PGCult).

<sup>2</sup> Professora Titular do Curso de Letras da UFMA. Bolsista de Produtividade do CNPq – nível 1D.

**Keywords:** *memory; identity; Ritos de Passagem; feminine;*

## Introdução

A memória é um componente intrínseco à construção e perpetuação da identidade cultural de uma sociedade. Ao longo dos séculos, eventos marcantes têm sido gravados na memória coletiva, transmitindo-se de geração em geração, moldando a forma como as pessoas percebem a si mesmas e o mundo ao seu redor. Nesse sentido, a literatura desempenha um papel fundamental ao capturar essas vivências e experiências, permitindo que a memória seja revisitada e reinterpretada à luz de novos contextos e desafios.

Nesse sentido, a literatura pode ser um recurso poderoso para examinar e refletir sobre a memória e a identidade de uma nação. Uma obra em particular se destaca: *Ritos de Passagem* (1985), de Ana Paula Tavares, por abordar temas profundos e complexos, explorando questões relacionadas ao poder, à dominação e ao feminino. Nossa intenção é relacionar essa obra com o processo de colonização que foi imposto aos países africanos de língua portuguesa até sua independência em 1975, dentre eles Angola. Por meio da análise de tais temas em Tavares e da incorporação de conceitos de autores como Inocência Mata (2007), Francisco Noa (2015), Pierre Bourdieu (2016) e Maurice Halbwachs (2006), entre outros, buscamos compreender como a memória coletiva e individual pode ser um instrumento poderoso na construção da identidade e na resistência social.

Partimos da hipótese de que a memória, ao ser revisitada em *Ritos de Passagem*, evidenciará sua importância na construção de identidades. Esta pesquisa é natureza bibliográfica e será desenvolvida por meio de análise qualitativa, com vistas a compreender a obra literária e o contexto histórico sob a perspectiva dos autores mencionados.

## A obra, a autora e a quebra do silêncio

*Ritos de Passagem*, livro de estreia de Ana Paula Tavares, ganhadora do Prêmio Camões de 2025, inaugura uma nova dicção poética em uma Angola recém-livre do

domínio português (Secco, 2011). Ao versar acerca do corpo feminino, Tavares visita a tradição com elementos camponeses e a poética da oralidade, ao mesmo tempo em que inaugura uma fala de um eu erótico feminino que recusa o silêncio colonial.

Durante os tempos de luta pela libertação de Angola, uma significativa parcela dos poemas produzidos transformou-se em arma ideológica de combate ao colonialismo. A partir da independência, ao lado da literatura de exaltação nacional, marcada pelo discurso panfletário e anticolonialista, começaram a surgir novas vertentes poéticas que, sem negar a importância de um compromisso com as realidades nacionais, procuraram em si outros ingredientes.

Ana Paula Tavares é uma dessas escritoras que cedem sua voz para expressar, com rebeldia e ternura, o clamor amargo das mulheres encarceradas em seu próprio silêncio. Além dos efeitos das muitas décadas de guerras em Angola, as mulheres sofreram também, no próprio corpo, a opressão do machismo, natural depois de tanto tempo enraizado na cultura local. Sob esse viés, assim argumenta Lívia Natália Souza:

Quando, já no período pós-colonial, começam a surgir novas vozes que vêm carregadas de outras funções sociais, articulam e ensejam, na cena de seus textos, outras lacunas de fala, outras demandas de representação. E é neste horizonte que se inscreve a escrita de Ana Paula Tavares (Souza, 2015, p. 119).

*Ritos de Passagem* constrói-se como um livro poético subdividido em três partes: *De cheiro macio ao tacto*, *Navegação circular* e *Cerimônias de passagem*. Há nos títulos destas seções, assim como no título do livro, uma exposição iniciática, uma enunciação individualizada desse sujeito que traz seu processo de vida, seus ciclos e suas rupturas protagonizadas. Alguns dos seus poemas, como o famoso *Desossaste-me*, teve grande reconhecimento por abordar não apenas o sentimento da mulher angolana no meio social, mas também como forma de resistência. Inocência Mata, no prefácio à edição portuguesa, assim comenta sobre o poema:

a presença feminina surge primeiro fragmentada (próteses, veias, pulmões), mas vai-se recompondo, e, consciente do processo de desossamento e das causas da fragmentação do seu corpo e do despojamento dos seus sonhos, o sujeito poético, detentor da voz da enunciação, recusa a sua subserviência a determinadas formas sociais e

à uniformidade inscrita nos códigos dos deveres, libertando-se e ganhando a sua própria dimensão e a sua individualidade. (Mata, 2007, p. 10-11).

Seja o poema:

*As coisas delicadas tratam-se com cuidado*  
Filosofia Cabinda

Desossaste-me  
cuidadosamente  
inscrevendo-me  
no teu universo  
como uma ferida  
uma prótese perfeita  
maldita necessária  
conduziste todas as minhas veias  
para que desaguassem  
nas tuas  
sem remédio  
meio pulmão respira em ti  
o outro, que me lembre  
mal existe  
Hoje levantei-me cedo  
pintei de tacula e água fria  
o corpo aceso  
não bato a manteiga  
não ponho o cinto  
VOU  
para o sul saltar o cercado

(Tavares, 2007, p. 54)

Em *Desossaste-me*, observamos o lugar político-ideológico de uma conclaveamento do espaço e da voz, dos trânsitos percorridos que simbolizam relações de poder. Esse eu corporificado pelas veias, pelos pulmões, pelas feridas também traz um espaço que foi colonizado, em que havia a busca pela formatação de um povo, uma cultura, uma epistemologia sobre o mundo que fosse sobreposta como molde. O emprego do verbo “ir” em maiúsculas ressalta a força de decisão do eu lírico feminino que não se permite mais à sujeição masculina, antes seguirá para o sul, à procura de suas raízes. As lutas e ideais de justiça/libertação continuam postas, conforme vistos nos escritos poéticos de escritores(as) africanos(as) de língua portuguesa da segunda metade do século XX. Contudo, a prevalência que se entende nessa poesia, que dialoga com uma geração de poetas mulheres, sobretudo, a partir da década de 80 do mesmo século, é um ponto de

partida de uma individualidade, um microcosmos em que o seu corpo-espacô trava lutas pela liberdade pessoal, para que se chegue à liberdade da nação.

## A memória revisitada

A memória desempenha papel fundamental na construção da identidade e na resiliência social em períodos de crise (Hall, 2015; White, 2005). Através da memória, as sociedades reavalam sua história e aprendem com suas experiências passadas, preparando-se para enfrentar os desafios do presente e do futuro (Mills, 1975; Bourdieu, 2016; Sahlins, 2021).

Para Halbwachs, o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito:

A sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais, sempre se explica pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos ambientes coletivos, ou seja, em definitivo, pelas transformações desses ambientes, cada um tomado em separado, e em seu conjunto (Halbwachs, 2006, p. 69).

A representação da resistência enfrentada pelas mulheres da sociedade angolana encontra, em *Ritos de Passagem*, sua depositária da memória, permitindo que as manifestações de crises passadas sejam revisitadas e reinterpretadas à luz das circunstâncias contemporâneas. Nesse sentido, as reflexões presentes nos poemas podem trazer *insights* valiosos para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais.

A memória, além de ser uma ferramenta para enfrentar crises, também desafia a sociedade a repensar e a recontextualizar sua história, permitindo uma leitura mais abrangente e crítica dos eventos passados. *Ritos de Passagem* reflete aspectos mais amplos da experiência humana em contextos da colonização.

Em um dos poemas intitulado *O Mamão*, inserido na primeira parte denominada *De cheiro macio ao tacto*, as palavras têm cor, textura e dimensão, são quase palpáveis, ligadas à construção de uma linguagem imagética composta por metáforas que remetem

ao órgão genital feminino, pronto a ser utilizado semanalmente e longe da completude do eu:

Frágil vagina semeada  
Pronta, útil, semanal  
Nela se alargam as sedes  
no meio  
cresce  
insondável  
o vazio...

(Tavares, 2007, p. 30)

A poeta cresceu em Lubango, em Huíla, ao sul de Angola, ambiente propício à construção de uma enunciação que fala de dentro, entranhada do íntimo, buscando compreender o que a cerca. São vozes que enunciam com o sangue e tiram suas forças das veias da terra e do corpo, visando novos ciclos.

*Ritos de Passagem* tem o potencial de funcionar como espelho social ao refletir dilemas éticos e morais enfrentados pela humanidade. A partir desses poemas, os leitores podem se identificar com as figuras envolvidas, suas lutas e suas conquistas, gerando maior empatia e compreensão das dificuldades enfrentadas em contextos desafiadores.

Ao pensar sobre a memória, Francisco Noa (2015, p. 209), crítico moçambicano da contemporaneidade, ressalta-a como um grande laboratório do possível; a instância em que se torna imaginável o existir na sua própria narrativa, ou como ele mesmo diz: um espaço para “processarmos o que ficou para trás e que nos permite gerir com maior eficácia o presente e perspectivarmos com maior confiança o futuro”. Assim, Noa segue nos mostrando que a memória age como uma possibilidade de dar sentido, remontar àquilo que de forma involuntária ou impositivamente pode ter sido tanto perdido como transformado ou editado na história. A memória não se restringe, com isso, a uma capacidade abstrata, mas se firma também por ser uma ação, o resíduo que possibilita outros olhares e outras formas de ser.

Diferentemente de uma literatura marcada pelas lutas e contextos de libertação colonial do século XX, os escritos como os de Ana Paula Tavares, Conceição Lima, Amélia Dalomba, Vera Duarte, Chô do Guri, Isabel Ferreira, Paulina Chiziane, Lica Sebastião, Hirondina Joshua, Deusa d’África, entre outras, unem-se pela estrutura do olhar ao trazer

a memória e o deslocamento de enunciação para o feminino como uma forma do saber, como uma, também, fundação epistemológica de si.

A produção lírica angolana parte desde a segunda metade do século XIX com escritos que já apontavam para uma consciência regional e, consequentemente, nacional. Segundo Manoel Ferreira (1977, p. 14), é em 1950 que se tem a publicação da *Antologia dos novos poetas de Angola*: “Era já o impulso do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, criado em 1948, que tinha por lema: ‘Vamos descobrir Angola!’”. O mesmo impulso segue subsequentemente um ano depois com a criação da revista que visava à afirmação de uma nova Angola, apoiando-se na consciência de uma literatura feita pelos próprios angolanos; uma literatura que refletisse a identidade e as questões endógenas, política e culturalmente, da sociedade angolana.

## O corpo-território feminino

Ana Paula Tavares prende-se à temática do feminino e suas representações, ao mesmo tempo em que se liberta das formas fixas, das rimas e das métricas. É provável que esta seja, além de um projeto estético de tensão entre o passado e o futuro, uma estratégia para anunciar — ou, se assim se preferir, prenunciar — a situação da mulher na sociedade, fazendo valer o princípio da isonomia previsto no art. 18 e reiterado no art. 29 da Lei Constitucional da República de Angola. No entanto, o fato colonial perdurou vários séculos e, devido a ele, enraizou-se uma cultura eurocêntrica de tonalidade patriarcal que inferiorizou e mascarou as tradições angolanas. O poema *Cerimónias de passagem* que precede as três partes que compõem o livro denuncia os “ritos de passagem” que caracterizam o ciclo da vida, a envolver a figura feminina inicialmente, o homem e o velho, sob o entorno do lume produzido pela zebra, uma representação clara da africanidade:

“a zebra feriu-se na pedra  
a pedra produziu lume”

a rapariga provou o sangue  
o sangue deu o fruto

a mulher semeou o campo  
o campo amadureceu o vinho

o homem bebeu o vinho  
o vinho cresceu o canto  
  
o velho começou o círculo  
o círculo fechou o princípio  
“a zebra feriu-se na pedra  
a pedra produziu lume”  
(Tavares, 2007, p. 14)

Lívia Natália de Souza, ao analisar este poema em específico de Ana Paula Tavares, sustenta uma ideia única no que diz respeito à mística africana. Conforme seu ponto de vista:

A zebra que se feriu na pedra recupera a importância do sangue nos rituais e este, como partícula metafísica do corpo feminino, como parte integrante do ciclo, se destranforma de sangue em lume, em luz. Diferente de uma leitura de matriz cristã, que apontaria para uma redenção pelo sofrimento, o sangue que brota da zebra é sangue, mas é também uma outra coisa, e esta outra coisa é a alegoria, imagem-base da cultura africana (Souza, 2015, p. 121).

Neste sentido, o ritual — uma das formas de manifestação das crenças das mulheres, retratada em *Cerimônia Secreta*, representa, simbolicamente, o desejo de morte e de sepultamento do macho para, em contrapartida, propiciar o (re)nascimento da fêmea, transferindo a ela parte do poder até então concentrado nas mãos daquele e revelando, pois, uma “atitude crítica iconoclasta” (Dias, 1994, p. 375) que se caracteriza pela inversão dos papéis sociais:

Decidiram transformar  
o mamoeiro macho em fêmea  
  
preparam cuidadosamente  
a terra à volta  
exorcisaram o vento  
e  
com água sagrada da chuva  
retiraram-lhe a máscara  
  
pintaram-no em círculos  
com  
tacula  
barro branco  
sangue...

Entoaram cantos breves  
enquanto um grande falo  
fertilizava o espaço aberto  
a sete palmos da raiz.  
(Tavares, 2007, p. 66)

Em outras palavras, a organização da cerimônia é feita de maneira meticulosa, como evidenciado pelo uso do advérbio "cuidadosamente", que também aparece em *Desossaste-me*. Essa preparação inclui elementos vinculados à tradição angolana, como máscaras, círculos, taculas, barro branco e cantos breves. Além disso, a menção ao "espaço aberto a sete palmos da raiz" sugere uma interpretação única do sepultamento: o espaço aberto, fertilizado por um grande falo, simboliza a quebra do silenciamento imposto pela ordem patriarcal às mulheres e, ao mesmo tempo, representa a aquisição do poder por meio da palavra, uma vez que "ter um falo significa estar no centro do discurso" (Gallop, 2001, p. 281).

Ana Paula Tavares abre passagem para as relações afetivo-eróticas e focaliza a força feminina na superação dos obstáculos, como pudemos observar em *Desossaste-me* e em *O Mamão*. O desossar metaforiza a anulação do universo do sujeito poético feminino e sua subordinação às vontades do amante que, passo a passo, com cautela, inscreve-o no espaço simbólico patriarcal que lhe convém. Além disso, o erótico emerge como uma força primordial e pulsante no sujeito enunciador, expressando um deslocamento de poder na poesia. O corpo-território feminino retoma feridas e marcas, mas não se posiciona passivamente ou é interditado de agir e, metaforicamente, "saltar o cercado".

## Considerações finais

O presente artigo explorou a relevância da interação entre a memória, a identidade e o feminino, considerando-as como instâncias que trabalham juntas para permitir que o sujeito se defina a si mesmo e à sua história. Na poesia de Ana Paula Tavares, o sujeito feminino assume uma centralidade, sendo mapeado em relação ao seu corpo-território. A partir de um profundo conhecimento de sua subjetividade, esse sujeito estabelece as possibilidades de navegar pelo mundo e expressar sua voz, indo além das normas

convencionais. Destacamos a diferença entre lembrança e memória, sendo que a memória atua de forma atemporal ao possibilitar a reconfiguração do passado por meio de outras narrativas presentes, especialmente em relação a uma cultura e a um passado colonial.

Ao considerarmos a ficção que marca identidades ao longo do tempo histórico, compreendemos o papel ativo da memória. Assim, a rememória não se configura apenas como uma revisitação ao passado, pois, enquanto a memória propõe uma ação, a rememória atua de forma subversiva a essa mesma ação proposta pela memória. *Ritos de Passagem*, livro de estreia da premiadíssima Ana Paula Tavares, permite a leitura entre as duas instâncias de enunciação de um sujeito e de uma história. Nesta obra, o sujeito poético feminino, ao se automapear, apresenta uma noção multifacetada de espaço, reconquistando uma força na qual sua história se entrelaça com elementos como maternidade, fertilidade, identidade, sexualidade e erotismo. Os textos reconstruem esse eu diante das fragmentações deixadas pela cultura e tensões políticas de um contexto pós-independência, marcado por disputas territoriais e culturais decorrentes da colonização.

Por meio da análise de alguns poemas, foi possível compreender como a memória desempenha um papel fundamental na construção da identidade. Essa discussão nos convida a repensar as estruturas de poder, a colonização da memória e a construção de identidades de cada sociedade. A perspectiva teórica ampliou nossa compreensão sobre a importância da diversidade cultural na construção de uma memória coletiva mais abrangente e do feminino, além da posição da mulher no contexto da sociedade angolana.

Assim, *Ritos de Passagem* oferece poemas sensíveis sobre a construção da memória coletiva e sua relação com a identidade individual e social, e ainda um forte cunho feminino social. A história que atravessa diferentes gerações nos convida a refletir sobre as conexões entre memória individual e coletiva, mostrando como as experiências passadas ecoam no presente e influenciam as trajetórias de vida.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

# Revista Littera – Estudos Linguísticos e Literários

PPGLetras | UFMA | v. 16 | n.º 32 | 2025 | ISSN 2177-8868  
Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 373-382, 1994.

FERREIRA, Manoel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa II**. Amadora: Livraria Bertrand, 1977.

GALLOP, Jane. Além do falo. **Cadernos Pagu. Campinas**, n. 16, p. 267-287, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomás Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

MATA, Inocêncio. Prefácio – Passagem para a diferença. In: TAVARES, Ana Paula. **Ritos de Passagem**. Lisboa, 2007.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Trad. Waltensir Dutra. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

NOA, Francisco. **Perto do fragmento, a totalidade**. Belo Horizonte: Kapulana, 2015.

SAHLINS, Marshall. **A sociedade afluente original**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraví, 2021.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. As veias pulsantes da terra e da poesia: posfácio. In: TAVARES, Ana Paula. **Amargos como os frutos: poesia reunida**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SOUZA, Lívia Natália de. Lírica na afro-diaspórica: formas de subjetividade e representação na poesia de Ana Paula Tavares. **ContraCorrente: revista de estudos literários e da cultura**. N. 7 (2015.2), p. 114-124.

TAVARES, Ana Paula. **Ritos de Passagem**. Lisboa: Caminho, 2007.

WHITE, Leslie A. **O conceito de cultura**. Trad. Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.